

Paulo Henriques Britto. *Nenhum mistério*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. 70 p.

“A arte de perder não é nenhum mistério”. Assim começa a tradução feita por Paulo Henriques Britto do célebre poema “One art”, de Elizabeth Bishop. Trata-se de um texto antológico sobre a perda, principal assunto de *Nenhum mistério*, sétimo livro de poemas do escritor, professor e tradutor carioca. Segundo o próprio autor (BRITTO, 2018), tanto o título da obra – que também nomeia uma das três séries de poemas incluídas no livro – quanto o da série “Nenhuma arte” aludem a esse verso.

No entanto, o título também pode ser interpretado de outra forma: a ausência de mistério de que fala Paulo Henriques Britto nos remete à pergunta de Alberto Caeiro – “O mistério das cousas, onde está ele?” – e à resposta apresentada algumas linhas depois – “[...] o único sentido oculto das cousas/ É elas não terem sentido oculto nenhum” (PESSOA, 2005, p. 65). Para Britto, na disputa entre real e mistério, o mundo tangível prevalece. Mas, ao passo que Caeiro aceita esse fato com absoluta naturalidade, por trás do tom cético e pragmático dos poemas de *Nenhum mistério* está uma consciência pessimista e melancólica.

A epígrafe de Emily Dickinson, seguida por tradução de Britto – “Não tivesse eu visto o Sol/ Sofrível a sombra seria/ Mas a Luz fez de meu Deserto/ Terra ainda mais baldia” –, evoca o sentimento de perda de modo mais imediato que o título do livro. O mesmo pode ser dito a respeito do primeiro dos seis poemas que compõem a série “Nenhuma arte”: “Os deuses do acaso dão, a quem nada/ lhes pediu, o que um dia levam embora;/ e se não foi pedida a coisa dada/ não cabe se queixar da perda agora. [...]” (p. 9). É este o leitmotiv de *Nenhum mistério*: nada é realmente nosso.

Uma característica marcante da poesia de Paulo Henriques Britto é a preferência pelo metro regular, algo incomum entre os poetas brasileiros contemporâneos. Adepto das formas fixas, Britto consegue torná-las dinâmicas e atuais: o poeta oscila entre a dicção elevada e a coloquial, alterna rimas soantes e

toantes e, às vezes, subverte a regularidade métrica ou a acentuação tradicional dos versos.

Outro destaque da série “Nenhuma arte” é o poema III (p. 11), composto por quatro quadras de decassílabos terminados em “dia”, “um”, “noite” e “mais” (nessa ordem). Além da inventiva construção sonora e vocabular, evidenciada em trechos como “[...] o dia era mais dia,/ diáfano, diíssimo [...]”, os versos são impactantes, no nível semântico, por aludirem a uma rotina comum a todos nós, constituída de eventos repetidos aos quais deixamos de dar valor. Apenas quando essa rotina é interrompida percebemos que ela era o cerne de nossa própria existência: “[...] Isso era vida. Isso era até demais, // e isso nenhum de nós nunca entendia, / e era dia claro, e isso nenhum / de nós via, como se fosse noite. [...] // Isso era sempre. E agora, nunca mais”. O sujeito poético enuncia essa constatação impassivelmente, sem efusão lírica, sem desespero, mas também sem qualquer ilusão de transcendência. Nesse aspecto, é possível afirmar que Britto se propõe ao mero registro dos fatos inelutáveis da vida, deixando ao leitor a tarefa de entristecer diante deles.

No poema III da série “Nenhum mistério” (composta por dez poemas), há uma alusão ao primeiro capítulo do livro bíblico Eclesiastes – “[...] um nada – nada novo – sob o céu” (p. 22) –, que é retomada no segundo texto da série “Caderno”: “[...] Nada de novo / sob o sol, naturalmente [...]” (p. 35). Essa referência a Eclesiastes vai ao encontro das ideias contidas na poesia de Britto: os ciclos se repetem através das gerações, nosso destino é a aniquilação e o esquecimento, e não há nada que possamos fazer para mudar esse fato. O começo do poema VII de “Nenhum mistério”, por sua vez, ecoa os versos iniciais de “Os ombros suportam o mundo”, de Carlos Drummond de Andrade. Quando lemos o trecho “Chega um momento em que as mãos / já não querem cumprir ordens” (p. 26), pensamos imediatamente nas palavras do poeta de Itabira: “Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus” (ANDRADE, 2015, p. 74). Drummond é evocado também no poema seguinte (p. 27), no qual se afirma ser mister extrair o leite da pedra que há no caminho, uma brincadeira com a expressão popular “tirar leite de pedra”.

Em *Nenhum mistério*, é rara a manifestação explícita de um eu. Na maioria dos poemas, quem fala é uma voz aparentemente neutra e quase onisciente, vinda de alguém que compreendeu o funcionamento do mundo e deseja transmitir ao leitor as

lições aprendidas. São textos lúcidos e lógicos, como o soneto “Mirante” (p. 16), que termina assim: “Se o panorama, então, desapontar,/ lá de cima, quem teve em tempos planos/ um sonho alpino, ao menos terá tido// o mérito menor de revelar/ que a decepção, arrematando os anos,/ é o que há em matéria de sentido”. Exemplos de poemas que fogem a essa regra são “Glosa sobre um mote de Sérgio Sampaio” (p. 32) e “À margem do Douro” (p. 56). No primeiro, o sujeito lírico, baseando-se em um verso da canção “Dona Maria de Lourdes”, do grande cantor e compositor capixaba Sérgio Sampaio (“E onde quer que eu esteja, eu não estou”), expressa sua constante sensação de não pertencimento e sugere a existência de algo além da compreensão humana (o que, de certo modo, está na contramão de todo o movimento do livro): “[...] Só me interessa o que não compreendo,// só amo o que não sei e não se explica [...]”. Em “À margem do Douro”, um dos pontos altos da obra, encontramos alguém que, mesmo sabendo que seu fim é inevitável, desfruta de um momento de plenitude: “Não espero nada, e já me satisfaço/ com a consciência de ainda estar em mim/ e não de volta ao nada de onde vim [...]”.

O primeiro dos dezessete poemas da série “Caderno”, além de apresentar um eu bem definido, chama atenção por ser composto em verso livre: “Escrevo nas nuvens./ Tenho um caderno sempre aberto numa nuvem,/ e nele escrevo. É nuvem, não papel.// Mas as palavras são de terra. [...]” (p. 34). Nessa série, que inclui quatro poemas escritos originalmente em inglês (ao todo, o livro contém cinco, além de duas autotraduções), a criação literária é o tema central. No poema IV (p. 37), por exemplo, afirma-se que é preciso continuar escrevendo, embora essa atividade pareça inútil: “[...] Faz das tripas coração/ ou coração das tripas – tanto faz,/ desde que saia alguma coisa dessa/ desgraça, mesmo sem pé nem cabeça,/ sem graça, só uma frase de efeito,/ um negócio que não queira dizer/ nada [...]”. Já o poema XIII (p. 46) fala da insuficiência da linguagem para expressar sentimentos ou lembranças: “Como se fosse coisa fácil/ achar o jeito de dizer/ a frase justa que encerrasse/ o que urge tanto esquecer [...]”.

Na parte final de *Nenhum mistério*, há uma sequência de seis poemas que comentam temas diversos, dentre os quais se destacam “Da imortalidade” (p. 62) e “Da metafísica” (p. 65). O primeiro é endereçado a uma geração futura que encontrará, na “pasta AX293”, a partitura da música secreta dos nossos dias – essa

música, que hoje não passa de ruído, será revelada apenas quando não estivermos mais aqui e, portanto, não nos trará benefício algum. Além de aludir ao universo da ficção científica, o código que nomeia a pasta traz uma rima inusitada para “vocês” e, com os algarismos ditos um a um, completa o último decassílabo do poema: “[...] a ser lida por vocês,/ de geração ainda mais futura,/ que abrirem a pasta AX293”. Falando do disparate que constitui toda crença, em “Da metafísica” o sujeito poético deixa entrever o tênue desejo de também acreditar em algo – afinal, é a fé religiosa que forja um sentido para a existência: “[...] o mais rematado dislate,/ coisa jamais entendida,/ que eleva ao sumo quilate/ o caco mais reles de vida”.

O poema que fecha o livro tem um título bastante apropriado – “Ao sair da sala” (p. 68). Com epígrafe de Wallace Stevens, outro autor já traduzido por Britto, o texto, dirigido a um interlocutor (talvez o leitor, talvez o próprio poeta), descreve a seguinte cena: no momento em que deixa uma sala vazia, você escuta um murmúrio. É provável que seja a voz de alguém que já se foi e costumava ocupar esse cômodo. Você se ilude por um instante, mas logo percebe que apenas imaginou essa voz, que está totalmente sozinho, cercado pelo silêncio. As coisas são o que são, e a nós não cabe sequer a compaixão de algum fantasma. Da leitura de *Nenhum mistério*, resta “[...] a certeza/ de que, atrás da porta fechada,/ na sala ainda há pouco acesa/ agora não há nada”.

## Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião*: 23 livros de poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BRITTO, Paulo Henriques. Paulo Henriques Britto volta à poesia com ‘Nenhum Mistério’. [Entrevista concedida a] Guilherme Sobota. *Estadão*, São Paulo, 8 set. 2018. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,paulo-henriques-britto-volta-a-poesia-com-nenhum-misterio,70002492683>. Acesso em: 2 jun. 2019.

PESSOA, Fernando. *Poesia completa de Alberto Caeiro*. Edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

**Ana Claudia Costa dos Santos**  
Doutoranda em Letras  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul